

5. Greenspan et al., *Infants in Multi-Risk Families*; Stanley I. Greenspan, *The Growth of the Mind* (Cambridge, MA: Perseus Publishing, 1997), Chapter 13.
6. Karr-Morse, R. and M. Wiley, *Ghosts from the Nursery*. New York: Atlantic Monthly Press, 1997. S. Provence and A. Naylor, *Working with Disadvantaged Parents and Their Children: Scientific and Practical Issues* (New Haven: Yale University Press, 1983); A. S. Honig and J. R. Lally, *Infant Caregiving: A Design for Training* (Syracuse, N.Y.: Syracuse University Press, 1981); J. R. Berrueta-Clement, L. J. Schweinhart, W. S. Barnett, A. S. Epstein, and D. P. Weikart, *Changed Lives: The Effects of the Perry Preschool Program on Youths Through Age Nineteen* (Ypsilanti, Mich.: High/Scope, 1984); C. T. Ramey and F. A. Campbell, "Preventive Education for High-Risk Children: Cognitive Consequences of the Carolina Abecedarian Project," *American Journal of Mental Deficiency* 88 (1984): 515-23; Greenspan et al., *Infants in Multirisk Families*.

## 7

## PROTEGENDO O FUTURO

Nenhuma discussão das necessidades fundamentais das crianças estaria completa sem o questionamento do compromisso das nações ricas desenvolvidas com as crianças dos países perturbados ou menos desenvolvidos.

Muitos de nós, nas nações desenvolvidas, execramos as condições em países que permitem ou deixam persistir a fome, a doença e a dissolução familiar massiva. Fazemos tentativas através de várias organizações e grupos internacionais de melhorar algumas dessas condições. Contudo, mundialmente, não temos assumido o tipo de compromisso em nome das crianças do mundo que assumimos em relação a outros objetivos políticos e econômicos. Não elevamos a fome e a doença infantil ao topo das prioridades internacionais. Embora racionalizemos que há obstáculos políticos (e às vezes culturais) à proteção das crianças do mundo, todos sabemos que poderíamos fazer muito mais, fosse esse objetivo o número um em nossa agenda internacional.

Quando examinamos nossas políticas globais em relação às crianças, precisamos lembrar, também, que a privação emocional pode causar tanto estrago quanto a privação física e nutricional. Em alguns aspectos, o impacto da privação emocional é ainda mais devastador devido à dor e à desorganização que ela causa. Esse tipo de privação exaure o espírito humano e a capacidade de educar gerações futuras. A preocupação pelas crianças não permite separar necessidades físicas de necessidades emocionais. De fato, parte de nossa motivação para esse trabalho nas necessidades irreduzíveis de bebês e crianças é unir todas as carências básicas das crianças em uma estrutura, na qual a satisfação física, social, emocional e intelectual são vistas como igualmente fundamentais para a continuação da vida humana da forma como a conhecemos e, certamente, para a continuação do progresso social, político e econômico mundial. Essa estrutura tornaria possível "boletins" para cada nação com base em quão bem elas satisfazem estas necessidades básicas. Os boletins de necessidades irreduzíveis nos possibilitariam ir além dos indicadores de bem-estar da criança como mortalidade, morbidade e pobreza infantil e considerar "indicadores-chaves" para cada necessidade com base em recomendações feitas anteriormente neste livro. Por exemplo, poder-se-ia considerar políticas de licença de trabalho para os pais, leis de trabalho infantil, a qualidade do cuidado para bebês abandonados.

dos e programas de apoio familiar em relação à necessidade irredutível de cuidado sustentador contínuo.

Quando consideramos o futuro das crianças, seja nas nações desenvolvidas, ou em desenvolvimento, ameaças nucleares, biológicas e ecológicas imediatamente nos vêm à mente. A capacidade de limitar a proliferação de armas nucleares parece envolver apenas mais uma redução de velocidade do que um limite verdadeiro. As provocações ecológicas como aquecimento global e substâncias tóxicas provenientes do lixo industrial poluindo o suprimento de água, ou a vida vegetal, ou a vida no mar são preocupações cada vez mais sérias. Novas doenças, como a AIDS, que podem cruzar rapidamente as fronteiras nacionais, constituem uma outra grande ameaça ao nosso futuro, assim como as armas biológicas de destruição de massa, que também estão crescendo, agora em disponibilidade, juntamente com as armas nucleares.

Essas são as ameaças visíveis ao nosso futuro. Elas evocam duas reações. Uma é medo e impotência, quase sempre associados com negação e evitação. A segunda reação é aumentar as colaborações internacionais para reduzir ou combater as ameaças. Medo, negação e evitação, entretanto, também reduzem as colaborações internacionais.

Tudo isso pareceria muito distante das necessidades irredutíveis das crianças, não fosse que todas as outras necessidades perdem a importância diante da necessidade de sobreviver e dar à luz novas gerações. Qualquer geração pode agora prejudicar a vida na terra a ponto de ameaçar o habitat e sobrevivência de gerações futuras. O legado irredutível final para nossas crianças é um planeta seguro que mantenha e apóie o crescimento humano. Sem dúvida, essa deveria ser a primeira, e não a última, das necessidades fundamentais, mas devido a sua natureza assustadora (e a tendência que temos de negá-la como preocupação maior) ela é considerada mais como uma necessidade abrangente com uma relação estreita óbvia com todas as outras.

A fim de proteger o futuro, todas as nações da Terra precisariam trabalhar cooperativamente com uma eficácia muito maior do que tem sido o caso até agora. A cooperação internacional, sem precedentes, necessária, entretanto, revela um nível mais profundo dessa sétima necessidade mínima.

Estamos agora nos defrontando com um novo tipo de interdependência, um novo tipo de desafio psicológico que a humanidade nunca antes enfrentou. Inúmeros fatores nos desviaram de grupos relativamente pequenos com fronteiras com um grande grupo mundial. Os Estados Unidos não podem mais se esconder atrás de suas fronteiras, o Canadá atrás das dele, a Índia atrás das dela e assim por diante. Os vínculos, em termos de valores, ideais, sistemas políticos, ou características culturais nacionais, que ajudam grupos relativamente definidos a formar relacionamentos coesos e a manter comunidades e sociedades, estão sendo derrubados por preocupações e influências mais globais.

Em primeiro lugar, as ameaças já mencionadas – armas nucleares, desastres ecológicos e desafios biológicos – nos levam a uma interdependência de medo. O óleo em combustão no Oriente Médio pode criar nuvens que bloqueiem o sol em

outras partes do mundo. Vírus criados em laboratórios, em uma parte do mundo, podem afetar cidadãos em outras. A despeito da tentativa de criar um guarda-chuva para proteger um país de ataques nucleares, nenhum tipo de guarda-chuva foi projetado. A interdependência biológica, ecológica e nuclear, portanto, cria medos que nos unem a todos. Apenas soluções comuns podem reduzir esse temor.

Segundo, estamos cada vez mais ligados economicamente. Mercados que caem na Indonésia, ou na América do Sul, podem afetar mercados nos Estados Unidos e na Europa. Esses acontecimentos se tornaram todos muito óbvios nos últimos anos, quando houve uma grande atividade por parte de países do ocidente para amparar as economias na Ásia e na América do Sul. Relacionada à interdependência econômica está a forma como grandes companhias e corporações criam novas organizações que cruzam as fronteiras internacionais. Alguns se preocupam porque essas grandes companhias podem operar como governos sem regras ou regulamentos. Os acordos comerciais mundiais que elas realizam ameaçam a saúde e as regras ambientais de países individuais. Sejam quais forem os riscos, criam ainda uma outra linha de interdependência.

Um terceiro fator é a interdependência devido à comunicação. A televisão está em todo lugar, unindo todas as partes da comunidade mundial. Logo, a internet ligará cada indivíduo no canto mais longínquo do mundo a um outro indivíduo. Curiosamente, a universalidade de interesses e padrões culturais, sejam eles música, vestuário ou filmes, está ligando pessoas do mundo mais rapidamente do que seus governos conseguem unir-se. Também estamos vendo líderes mais jovens compartilhando valores com outros líderes jovens emergentes, em muitos países do mundo. Esses valores compartilhados surgem ou de experiências educacionais comuns, ou da interdependência de comunicação.

Estamos, portanto, todos unidos, seja através do medo, da comunicação, ou da economia. De que forma operamos como uma verdadeira aldeia ou família global?

No passado, lidamos com conflitos internacionais através de cooperação ou intimidação. Se a cooperação não funcionasse, haveria sempre a intimidação. Países com maior poder militar podiam ser bem-sucedidos usando uma mentalidade de sobrevivência-do-mais-ajustado, do direito-do-mais-forte. Estamos vendo, entretanto, que tais estratégias, conforme evidenciado pela experiência dos Estados Unidos, do Vietnã e da União Soviética, no Afeganistão, freqüentemente não funcionam, mesmo com força militar superior. De qualquer forma, países menores, menos poderosos logo terão armas biológicas e nucleares suficientes para criar dano inaceitável ou em seus próprios quintais, ou em outros lugares. Em outras palavras, quando a maioria das nações pode destruir o planeta, os riscos do uso de intimidação são muito altos.

Tipicamente, quando grupos se tornam muito grandes, é difícil para os indivíduos se organizarem. Eles apelam para mecanismos psicológicos primitivos que muitas vezes vemos governando relações internacionais, como pensamento polarizado de “nós-contra-eles”, não-reconhecimento ou retraimento, desconfiança e tentativas de manipulação e intimidação. Essas táticas primitivas, quer usadas por

indivíduos, ou entre nações, entretanto, foram apenas parcialmente bem-sucedidas em manter grupos organizados no mundo do passado. No mundo do futuro, devido à maior interdependência, esses mecanismos primitivos não serão capazes de criar a cooperação necessária para proteger o futuro para gerações subseqüentes.

Portanto, o futuro apenas pode ser protegido pelo desenvolvimento de uma nova psicologia que possa lidar com o fato de nossa interdependência. A família mundial necessita de métodos e padrões de comunicação que não acabem em distorções, polarizações ou padrões de retraimento, evitação e desconfiança.

Como essa nova psicologia de cooperação pode ser desenvolvida? Como podemos mobilizar nossa interdependência sem precedentes para incluir a diversidade, aumentar um senso comum de humanidade e trabalhar juntos cooperativamente?

Ao tentarmos facilitar um comportamento geral que possa funcionar cooperativamente no futuro, precisamos examinar os fatores que tendem a aumentar o pensamento polarizado, desconfiado e o retraimento ou a agressão.

Aqui completamos o ciclo: os fatores que levam a uma ampliação de nosso senso de humanidade compartilhada são os fundamentos que estivemos discutindo. Necessitamos desses fundamentos em maior profundidade e continuidade do que em qualquer outro momento de nossa história. Portanto, precisamos mudar o curso, interromper o movimento na direção da impessoalidade e fragmentação e abraçar alguns princípios básicos de crescimento humano que possam promover a colaboração entre as pessoas no futuro.

- **A segurança de ter as necessidades físicas satisfeitas.** Grupos preocupados com a sobrevivência estão se organizando em torno de necessidades muito concretas e não se dão o luxo de refletir sobre objetivos mundiais de longo prazo. Assegurar que a população mundial tenha comida, abrigo e cuidados médicos é um princípio fundamental, assim como é para cada criança. Aqui, o ganho econômico não pode mais ser simplesmente uma questão pessoal, ele deve ser uma preocupação internacional ampla. Estratégias que encorajam a capacidade de cada país de crescer economicamente ajudarão a garantir um ambiente seguro e protegido para todos.
- **Uma filosofia ética e mundial que favoreça relacionamentos humanos contínuos que preservem e apoiem famílias e comunidades.** Apenas indivíduos bem-alimentados e educados são capazes de unir-se e abraçar uma ética mais ampla, de humanidade compartilhada. Indivíduos privados, como os estressados e os famintos, adotam uma visão concreta e estreita sobre suas próprias ansiedades e medos. A falta da sustentação básica reduz agudamente suas capacidades de oferecer solidariedade a outros membros da raça humana. Temos nos focalizado na "sobrevivência do mais ajustado", o tema competitivo em avaliação, mas temos negado a importância do cuidado sustentador que permite aos seres humanos formar e manter relacionamentos e famílias, cooperar em grupos e comunidades e trabalhar juntos na direção de objetivos políticos, econômicos e militares. Em uma sociedade complexa, o cuidado sustentador é a base para a colaboração neces-

sária para a sobrevivência. Com um mundo interdependente, que exige que todos nós abracemos uma quantidade maior do que nunca de "outros" e nos lancemos no caminho do futuro além das nossas próprias existências e das de nossos filhos para proteger o planeta, não podemos mais subestimar a importância da sustentação na evolução humana. O cuidado contínuo, sustentador em famílias estáveis, portanto, é um pré-requisito para produzir crianças que serão capazes de sentir-se mais responsáveis.

- **Famílias, ambientes educacionais e comunidades que ajudem as crianças a tornarem-se membros comunicativos, reflexivos da sociedade.** Conforme discutimos em capítulos anteriores, é necessário construir uma base sustentadora de interações adequadas ao desenvolvimento e adaptadas às diferenças individuais. Necessitamos, portanto, de indivíduos ao redor do planeta que tenham a oportunidade para uma educação avançada, de solução de problema. Também precisamos encorajar comunidades estáveis a apoiar famílias, e o sistema educacional e outras instituições que permitirão que os cidadãos desenvolvam as habilidades reflexivas necessárias para resolver as dificuldades compartilhadas do mundo.

Prover a satisfação das necessidades essenciais de bebês, crianças pequenas e suas famílias é o primeiro passo para produzir cidadãos do mundo que possam ampliar seu senso de humanidade, suficientemente, para lidar com a nova interdependência do mundo. Nossa sétima necessidade mínima, portanto, requer a satisfação de outras seis para sua solução. Isso significa criar cidadãos do mundo que tenham um senso de sua humanidade grande o suficiente para incluir todos os outros a fim de que possam mover-se na direção de esforços cooperativos verdadeiramente reflexivos. Nosso senso de justiça deve estender-se também à equidade intergeracional, à preocupação pelo tipo de mundo que nossos netos enfrentarão. Sem essa perspectiva, não podemos iniciar o esforço sem precedentes de começar um planejamento de longo alcance (50 anos), para reduzir o risco de uma catástrofe biológica, ecológica e nuclear.

Para alcançar tal objetivo, devemos elevar as necessidades essenciais das crianças à mais alta prioridade internacional, juntamente com os direitos humanos, como um "direito" para todos. As sete necessidades essenciais podem servir como estrutura (um boletim) para nações e regiões dentro das nações e da comunidade internacional como um todo, para monitorar a situação atual e fornecer incentivos para o progresso.

Em todo o mundo, as futuras gerações de crianças e famílias estarão muito mais inter-relacionadas. A fim de proteger o futuro de uma criança, devemos protegê-lo para todas.